



VIDA E MORTE DE LÔBO DA COSTA

Mozart Victor Russomano

NENHUM dos literatos que deram corpo e alma à escola romântica brasileira sentiu "o momento de Werther" com a intensidade dramática que se entalhou na vida de Francisco Lôbo da Costa.

Ele amou no estilo de Álvares de Azevedo. Teve incompreensíveis estremecimentos de Casimiro nas fibras do coração. Cambaleou pelas ruas, embriagado como Fagundes Varela. Fêz improvisos no meio do povo, tal qual Laurindo Rabelo. E, como todos eles, compôs versos bons e versos ruins.

Francisco Lôbo da Costa era homem do povo. Não possuía títulos e viveu em pleno período aristocrático. Não tinha recursos para a opulência. Resentiu-se da falta de meios elementares para sua manutenção.

Nascido em Pelotas, aos 12 de julho de 1853, filho de Antônio Cardoso da Costa e de D. Jacinta Augusta da Costa, nem sequer teve uma educação conveniente. Viveu, assim, praticamente à margem da alta sociedade pelotense, na época em excesso e em caricatura zelosa de seus brios, do labor de seus filhos ilustres, do seu nobiliário.

Conta a tradição que Lôbo da Costa, para aprender as primeiras letras, recorreu ao curso gratuito de alfabetização organizado, e até hoje mantido, pela Biblioteca Pública Pelotense.

No lar, nada recebeu. De seus pais, pelo determinismo atávico ou pelo acaso das combinações de sangue, herdou um talento impetuoso, mas irrefletido; rebelde, mas fraco; endurecido pela ambição, mas diluído logo à primeira derrota. Não ganhou a ossatura moral que se forma na infância. Não recebeu a lição do exemplo, que é mais forte do que a lição da palavra e do tempo. Ao contrário, no próprio pai, de maus hábitos, teve a primeira augestão de crer que a dúvida, o desespero, a ponta de asa de um contratempo, a barreira de uma dificuldade poderiam ser corroidos, ao menos em idéia, por um trago de álcool. Perdeu, assim, dentro de sua própria casa, no seio de sua própria família, a repugnância instintiva pelas coisas degradantes e o preconceito valioso da compostura pessoal.

Explica-se, por sua origem modesta, o motivo por que êle tão bem se adequou às preferências populares — que eram as suas preferências — nas tentativas artísticas.

O vício, que lhe beijou os lábios e lhe mordeu a inteligência, encarrega-se, por seu turno, de justificar a razão pela qual o espírito ambicioso do poeta, mergulhando nas fermentações pútridas da sublitteratura, viu derreterem-se as asas de cêra do seu sonho, em plena ascensão.

Moço ainda, encontramos-lo perambulando, completamente bêbado, pelas ruas e caindo nas esquinas de Pelotas.

Enxotado das portas do teatro em que se acabara de declamar poesia de sua lavra (1); envelhecido precocemente, pois para isso sobra força ao absinto e à miséria; premido pelas dificuldades econômicas; esmagado pelas falências morais cotidianas, que lhe retalhavam a alma; sucumbindo, todos os dias, na morbidez de sua sensibilidade; perdido no caminho antes de encetar a jornada; vencido por tibiaza antes da luta; triunfante como o espectro do mal, pisando aos pés a radiosa glória poética — Lôbo da Costa era um triste espetáculo aos olhos dos outros homens e deveria sê-lo, sobretudo, para a sociedade conservantista de sua terra, que só encararia com reprimendas e reservas o desprendimento boêmio e errante do moço poeta, que fazia versos tão bonitos e que era um pequeno ídolo das donzelas amorosas que o conheceram.

Fato estranho, que revela as poderosas forças inatas de sua inteligência, é que nessa avalanche, na qual eram arastados em turbilhão os detritos de todos os sofrimentos morais e orgânicos, como que uma coluna de mármore imaculado resistia à enchente das águas pardas: Sua inspiração, lúcida e incólume, assim permaneceu até o fim, sobrepairando à tempestade interior, como os aviões se elevam acima das nuvens e das tormentas para o banho de luz do infinito.

Ei-lo, então, cabelos fartos na testa alta, de pince-nez a lhe amparar a visão de míope, nariz aquilino, barba hirsuta e mal tratada, rosto pálido de madrugada, humildemente vestido (algumas vezes maltrapilho); impressionantemente magro — a gastar, na imprecisão dos versos improvisados e perdidos para sempre no minuto astral em que foram feitos, aquêlo estro de extraordinárias possibilidades, sacrificadas, em grande parte, numa terrível frustração intelectual.

No céspede pelotense, nas decisivas quadras de sua juventude, Lôbo da Costa não encontrou amparo e estímulo, apesar de algumas amizades de lei que soube conquistar. A benevolência com que fôsse olhado, por ser um artista e pelos hábitos dissolutos que os românticos se impunham, era restrita aos menos intolerantes. Aos outros, a quase todos, não poderia agradar o convívio de quem estava perto demais para ser bem apreciado e que, vindo do povo, insistia em caminhar junto dele, sem respeito humano, sem considerações sociais, forçando sua própria e inatural redução às proporções liliputianas dos decaídos, saltando de improviso em improviso e caindo de taverna em taverna (2).

Talvez por isso, mais provavelmente em cumprimento às determinações irresistíveis de seu psiquismo desequilibrado, Lôbo da Costa não se fixaria, nunca, em Pelotas.

(1) Na noite de 29 de março de 1883, no Teatro 7 de Abril, de Pelotas, fazia-se o benefício da pequena atriz Julieta dos Santos (Cruz e Souza foi "ponto-secretário" dessa compainha teatral, segundo narra Raimundo de Menezes, na pág. 168 do seu livro "Escritores na Intimidade"). Entre as homenagens feitas à atriz, leu-se um poema que Lôbo da Costa lhe dedicara. Por isso, num dos entreatos, já alquebrado e mal vestido, o poeta quis forçar a entrada na casa de espetáculos, sob alegação de que também contribuía com uma parcela de talento para o êxito da festa.

O fato tomou proporções de escândalo.

Quem conta o ocorrido é Alfredo Ferreira Rodrigues, em seu "Almanaque Literário e Estatístico do R. G. do Sul" para 1893, que é a melhor fonte de recapitulação da vida de Lôbo da Costa. A rápida biografia ali estampada dar-nos-á, aliás, os elementos essenciais ao nosso estudo.

Foi naquela ocasião que Alfredo Ferreira Rodrigues conheceu Lôbo da Costa — pois aquêlo era natural da cidade de Rio Grande. Depois disso, travou-se longa camaradagem entre os dois intelectuais, tendo o primeiro muito colaborado, através de seus estudos e de suas investigações, para a consagração do desventurado cantor pelotense.

(2) Além do mais, Lôbo da Costa era um irreverente. Republicano por convicção, não cessava de aguilhoar, pelo sarcasmo, os figurões da monarquia e da sociedade — os barões, os viscondes e os comendadores. Há, nesse sentido, em alguns poemas, expressas referências, da mesma forma que no prefácio escrito pelo poeta, com tintas líricas, em agosto de 1878, para o livro de Julieta de Melo Monteiro denominado "Reflexos de minha alma" — prefácio e livro inéditos, ao que nos consta.

Os originais se encontram nos arquivos de D. Revocata de Melo, doados à Biblioteca Pública de Rio Grande.

Aos doze anos de idade, já revelara aptidões literárias (3). Em 1870, em sua cidade — depois de ter sido escrevente de um cartório, telegrafista e de haver fundado, com dezesseis anos, um pequeno semanário intitulado “Castália”, do qual nem a lembrança perdura (4) — ingressou na redação do “Comércio”, para o seu noviciado de jornalista.

Que lamentável foi essa aprendizagem!

A imprensa da época se reduzia à arte da ofensa pessoal, do ataque grosseiro, do sensacionalismo que culminava em desrespeitar as fronteiras intangíveis do lar e das alcovas.

Como aprendera, desde criança, a não respeitar os preconceitos que nos atam face ao convite imoral, também aprenderia agora, na imprensa contemporânea, a detratar sem base, a acusar sem motivo, a envenenar sem razão. E o tempo se encarregou de demonstrar que tais lições foram bem decoradas.

Dois anos após, Lôbo da Costa apareceu assinando colaborações no “Eco do Sul” e no “Investigador” de Rio Grande. Mas não se radicou na cidade marítima. Meses mais tarde, estava no Uruguai, onde se apaixonou pela primeira vez, cantando à Maria alguns versos ternos, que a crítica considera centrais para análise de sua obra (5).

Em 1874, surgiu em São Paulo, com o fito de cursar a Faculdade de Direito.

Chegara êle, assim, ao centro de irradiação do conceito byroniano de poesia e de vida. Tudo de mal que êle fizera, tudo que o puxava para o lódo, ali fôra erguido como bandeira de glória: — desde o desleixo, a irreverência e a boêmia, até o vício, cujos vapores estimulavam o improviso e, aos poucos, iam matando a inspiração e embrutecendo o pensamento.

Ele nem sequer se matriculou na

Faculdade. No ano seguinte, o destino lhe deu a primeira oportunidade de reerguimento. Foi nomeado oficial de gabinete do Presidente de Santa Catarina, que era, na época, o Visconde de Taunay. Ocupou o cargo por dias. Pediu um mês de licença... e nunca mais lá voltou!

Em Pelotas novamente, retornou às lides do jornalismo. Todos conhecem a força atrativa da redação sôbre os intelectuais. Do jornalismo de então se poderia dizer o que foi dito do amor: — Veneno que se bebe em rútilos cristais e que, mesmo sabendo que mata, ainda sempre se quer beber.

O espírito encantado de artista levou-o a uma quimera. Apaixonou-se por uma filha de ilustre família pelotense. A moça, atraída pelos dotes de seu estro, embalada nas canções melódicas que êle lhe deu, cedera ao apêlo e parecia amá-lo. Cremos, por isso, foi essa a segunda e última *chance* que êle teve de rebrilhar nas cumiadas da inteligência, estabilizando sua vida, disciplinando seus impulsos e contornando seus desvios precoces.

Era, porém, razoável que tão mau partido fôsse rejeitado pelos pais de sua enamorada, pois nada importava a arte de bem fazer poemas para a segurança dos casamentos burgueses do século XIX.

Foi êsse o golpe decisivo na vida de Lôbo da Costa.

Desde a infância combalido em sua vontade pela miséria e pela natureza temperamental, entregou-se, então, brutalmente, ao vício de beber.

Por mais que procurássemos, não conseguimos localizar quem seria a jovem que lhe inspirou seu maior e mais duradouro amor, que talvez o pudesse ter salvo, dando-lhe um ponto de apoio para a conquista da paz do coração. Sob um critério estritamente histórico, não deixaria de ser curioso descobrir-se

(3) Em 1865, no “Eco do Sul”, publicou sua primeira composição literária, a respeito da rendição de Uruguaiana.

(4) Aos 14 anos Lôbo da Costa foi escrevente de um cartório de Pelotas. No ano seguinte — 1868 — passou a ser, na mesma cidade, telegrafista, cargo que ocupou durante um biênio (Vide Augusto V. Sacramento Blake, “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”, 3.º vol., pág. 28 — 1895, Rio de Janeiro).

(5) A ela foi dedicado o poema “Adeus (À Sombra do Salgueiro)”.

quem foi que, sem saber, terminou de destruir aquela vida, que já se desfazia em ruínas e que aos seus pés tombou, com o fragor surdo de uma harpa imensa que rompesse, a um só tempo, tôdas as suas cordas.

O homem-normal resistiria. Lutaria para se sobrepor à sociedade que o rejeitava. Conjugaria suas fôrças corporais e de intelecto para recolher a luva que recebera de cheio no rosto e dela faria o talismã para o êxito.

Nosso herói, ao contrário, para quem o único lenitivo era o atordoamento alcoólico, arrastou-se para Rio Grande. E, pouco depois, como maripôsa esvoaçando em tórno da chama, voltou para Pelotas, caindo em plena campanha precedente às eleições de 6 de agôsto de 1878 e que — segundo os cronistas — foi lamentável atestado da incultura política e da desordem moral reinantes entre os homens públicos da terra.

Lôbo da Costa, já de todo perdido, destilava a perfídia de sua inteligência e o ácido corrosivo de seus recalques sôbre os chefes contrários, através das colunas do “Onze de Junho”. Certo dia, uma vítima de suas insolências invadiu a redação do jornal. O fato teve enorme repercussão, embora suas consequências fôsem nulas, visto que nenhum dos redatores se encontrava na tipografia. Por isso, a redação do “Onze de Junho” se transferiu para Jaguarão. E, lá, Lôbo da Costa continuou escrevendo para pasquins, queimando o pouco que lhe restava de energia mental em arquitetar ofensas e em planejar injúrias. A qualquer preço, êle queria aplausos. “À cata dêsses aplausos, atascava-se nas podridões aquêle grande talento, que teria sido incontestavelmente um escritor notável, se a sua alma, em vez de se degradar pelo vício, tivesse sabido elevar-se às alturas onde só as águias pairam”.

Em Jaguarão, casou-se.

Até êsse momento, Lôbo da Costa

fizera de sua existência um êrro. A partir de suas nûpcias, porém, transformou-a em um crime, pois atraiu sôbre a testa de D. Maria Augusta Karnal e de Amanda, a filha da união (6), as fúrias divinas que lhe atormentavam a descida.

A espôsa não resistiu à devassidão de Lôbo da Costa. Abandonou-o mais tarde. A repugnância que lhe era assim confessada não o feriu, como já não mais o feria o desprezo de que era alvo por parte de seus semelhantes.

Por surpreendente, quase cômico, que pareça, o certo é que, lá por 1881, Lôbo da Costa regressou a Pelotas, secretariando uma companhia ginástica... E com ela, no mesmo ano, aportou à capital gaúcha.

Aí ficou algum tempo. Dois anos. A vida do poeta, como se vai vendo, desdobra-se em ciclos bienais, que se sucedem com crescentes ameaças sôbre as têmporas do romântico enrijecido no vendaval de suas paixões, de seus ódios e de suas faltas.

No espírito de Lôbo da Costa, em nenhum momento, houve a picada do remorso. Nunca teve um assomo de arrependimento que se cristalizasse num único verso; nem a utopia, já baça, do reerguimento social. Cada vez mais, êle se afunda.

Em Pôrto Alegre, manteve um célebre pasquim — a “Tribuna”, do Menezes — que vivia do escândalo. Seu redator foi perseguido pela polícia e por suas vítimas. Escondeu-se. Imprimiu seu jornal ora aqui, ora acolá. Não teve data certa para as edições. Não teve valor fixo para seus artigos. Êle vendia a preços de ocasião peças brilhantes como o ouro, mas, na verdade, feitas de barro. Foi o bricabraque do poeta, a chantagem do jornalismo, o leilão da inteligência.

A indignação da sociedade portoa-alegrense — com sobradas razões — foi, um dia, elevada a tal grau de tem-

(6) Vide o esboço biográfico publicado em “A Ventarola”, de 1.º de julho de 1888 — órgão mantido, semanalmente, por largo espaço de tempo, por Eduardo Chapon, admirável para a época, sobretudo por suas inúmeras e curiosas ilustrações. Na data indicada, foi publicado um belo retrato do poeta, ainda moço, ao pé do qual o desenhista jogou os principais livros que êle publicara.

peratura que o jornal do poeta sofreu o merecido castigo da depredação.

Tudo isso era feito para que êle ganhase o indispensável à sua sobrevivência! Tanto é assim que, nessa ocasião, premido por inadiáveis necessidades, Lôbo da Costa declarou, certo dia, aos seus companheiros de "república" que iria sair para vender um caderno de versos a um livreiro, por cem mil réis. Ao voltar, havia-o vendido por vinte mil réis, com grande surpresa de todos, que o reprovaram acrememente, sem resultado, porque Lôbo da Costa já caíra naquele estado em que é impossível retesar as cordas da vontade.

Mas... aquêles jovens estudantes observaram que, em suas mãos, o poeta ainda trazia uma fôlha arrancada dos originaes, um poema que êle furtara ao editor ávaro, os versos que tinham o nome de sua filha Amanda — nome que êle achara caro demais, num resto de sensibilidade e de amor, para vender por vinte moedas (7).

Por outro lado, possuímos cópia autêntica de uma carta por êle escrita em 1881, através da qual se empenhava com avidez, junto a pessoa influente, para que lhe dessem um editor, a fim de que, publicando uma obra, pudesse "acudir a algumas necessidades que o importunavam" e, ao mesmo tempo, "salvar o seu livro" (8).

Isso é a prova confessional da miséria a que estava êle reduzido no instante em que, com tanta imprudência, atirava lama à honra alheia, assim como do pouco proveito que obtinha com tão reprovável conduta.

Mas também nos demonstra a derradeira preocupação do artista verdadeiro — indiferente ao amor conjugal que lhe foi negado, indiferente às perseguições da polícia, indiferente ao empastelamento do seu jornal, indiferente ao asco que lhe votavam seus contemporâneos,

indiferente à sua própria degradação, indiferente ao melancólico apagar das luzes de sua inteligência — preocupação, entretanto, palpitante e viva na idéia fixa de salvar, a qualquer custo, do naufrágio total, *A SUA OBRA*, os seus versos, a sua mensagem de beleza, o último raio de madrugada que lhe poderia abrir, se não no mundo, ao menos na morte, a alamêda da glorificação.

Como um cigano nômade, de Pôrto Alegre viajou para D. Pedrito e desta cidade, novamente, para Pelotas.

A terra que lhe servira de berço servir-lhe-ia de sepulcro.

Eram os dois anos finais.

1886.

O que foram êsses meses, contam os noticiários de então.

Lôbo da Costa não aceitava nenhum trabalho, apesar de não ter a menor fonte de renda. Bebia pelas tascas pagando, dizem, sua embriaguez com rimas sonoras. Conta-se que alguns literatelhos se aproximavam daquele poço de lôdo, insuflavam-lhe o vício, pagando-lhe absinto, revolviam-no a procura de pedrarias raras, para lhe surupriarem a forma e a idéia, que relampagueavam nos improvisos.

Os amigos que lhe restavam e os jovens com pretensões literárias — que o admiravam, apesar de tudo — livraram-no da morte imediata pela fome e pelo frio. Em Pelotas, ao menos no último ato, não lhe faltou caridade. Encontrou sempre um teto para repousar. Mas as portas acolhedoras que para êle se abriam êle próprio se encarregava de fechar sôbre seus passos em fuga. O destino o chamava, dos palácios e das mansardas, para atirá-lo nas valetas da cidade, em que dormia o sono animal dos ébrios e dos mendigos.

Em junho de 1888, na qualidade de indigente, Lôbo da Costa baixou à en-

(7) Vide a crônica assinada por I. T. V. publicada na "Ordem", de Jaguarão, e reproduzida, em 11 de novembro de 1888, no "Progresso Literário", de Pelotas.

(8) A referida carta é datada de 15 de outubro de 1881 e oriunda de Pôrto Alegre. O original pertence à Biblioteca Pública Pelotense. Como o envelope foi, há muito, extraviado e como Lôbo da Costa não faz referência ao nome do destinatário, não se pode saber a quem foi ela endereçada. De qualquer forma, é um retrato psicológico, embora momentâneo, da vida do escritor.

fermaria da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas — e isso não acontecia pela primeira vez.

Um grupo de moços reunira-se, no ano anterior, publicando um pequeno volume de poemas próprios em benefício de Lobo da Costa. O produto da venda ultrapassou as expectativas. Não foi, entretanto, entregue ao poeta, que já se recolhera à Santa Casa. Havia o receio de que êle fugisse do hospital assim que se encontrasse com algum dinheiro. Por intermédio do mordomo, periodicamente, lhe eram enviadas algumas coisas: roupas, alimentos, cigarros, tinta, papel, enfim, algo para lhe aquecer o corpo e a inteligência bruxuleante (9).

A êsse ponto final chegara Lobo da Costa.

Em tórno de sua cama de sofrimento, algumas vèzes, reuniam-se literatos. Uns cheios de boa intenção. Outros, no entanto, apenas para continuarem a pilhagem intelectual. Êsses corvos do talento alheio roubavam-lhe os poemas prontos, compostos no vestibulo da agonia, com os quais queria o poeta recompensar as visitas recebidas, da mesma maneira pela qual, ainda há pouco, pagava o álcool que lhe era dado. O verso foi a única moeda que não lhe faltou no alforge de pobre (10).

Era o epílogo.

De todo o longo drama, restavam três livros de versos: "Lucubrações",

"Rosas Pálidas" e "Maripósas". Os dois últimos estão irremediavelmente perdidos. O pouco caso que se deu a Lobo da Costa durante sua existência fêz com que se extraviassem os últimos volumes dessas edições. Remexendo arquivos públicos e particulares, revolvendo lembranças, consultando livros de terceiros, analisando documentos, ouvindo testemunhos, não nos foi possível achar um roteiro certo para descoberta de obras tão ligadas à fase romântica da literatura gaúcha e tão importantes para a compreensão perfeita de seu patrimônio artístico.

Consolou-nos, nessa pesquisa infrutífera, a circunstância de Alfredo Ferreira Rodrigues, contemporâneo do poeta, pesquisador infatigável das coisas históricas e literárias da cidade, escrevendo apenas cinco anos após o desaparecimento de Lobo da Costa, confessar ter obtido, apenas, um volume de "Lucubrações", vendo-se, assim, na contingência de jogar com os mesmíssimos elementos que nós hoje jogamos, meio século após (11).

Seus dramas e comédias também não foram guardados. E para que conhecêssemos seu romance "Espinhos d'Alma" recorremos ao museu da Biblioteca Pública Pelotense.

Não pode ser maior o esquecimento votado a um homem de letras moderno do que quando se revela êle na transformação do livro em objeto de museu. Também isso serve, contudo, de elemento

(9) A contestação tentada a êsses episódios, relatados por Alfredo Ferreira Rodrigues no bosquejo biográfico a que nos referimos, está hoje refutada, em definitivo, por outros depoimentos. Os intelectuais que escreveram o livro foram os membros da diretoria do "Grêmio Literário dos Lunáticos". O folheto foi intitulado "Charitas" — por certo pela alta inspiração humana do seu objetivo — e na capa se disse que era a publicação feita para amparar Lobo da Costa, "reduzido à extrema miséria" (Edição da Livraria Americana, 1887 — Pelotas). Esgotada, celeremente, a primeira edição, após ser dado a Lobo da Costa o que mais lhe faltava, sobrou a quantia de cem mil réis, que foi entregue ao mordomo da Santa Casa, Francisco Salles Lopes, com o intuito referido (Francisco de Paula Pires, in "Almanaque Literário e Estatístico do R. G. do Sul" para 1914, págs. 136 a 138).

(10) Francisco de Paula Pires, em "Flores do Campo" (pág. 30), denuncia o plágio, feito por Bernardino Vanoly, de vários trabalhos de Lobo da Costa, inclusive de "Cyrilla", que foi furtado depois da morte do poeta, pois veio à luz no "Progresso Literário", de Pelotas, em 1889. Outro plágio do mesmo Vanoly é apontado por anotação de próprio punho feita por Alfredo Ferreira Rodrigues, à pág. 5 do número do "Progresso Literário" de 2 de setembro de 1888: — Vanoly assinou como seu um soneto que Lobo da Costa fizera em resposta a Alfredo Ferreira Rodrigues, sob o título "Na página de uma folhinha Block", datado de Pelotas, 1.º de janeiro de 1888 (In "Dispersas", pág. 105). Vanoly era amigo íntimo de Lobo da Costa, sendo-lhe fácil roubar as produções do último. Em 1886, Lobo da Costa lhe dedicou um poema, mais tarde publicado em "Auras do Sul" (pág. 66). A anotação de Alfredo Ferreira Rodrigues, como dissemos, está lançada à margem da publicação feita, com o nome de Vanoly, na coleção do "Progresso Literário" pertencente à família daquele. A Rodrigues fôra dedicado o soneto, de modo que ninguém melhor do que êle poderia dizer do plágio.

(11) Há um volume de "Lucubrações" na Biblioteca Pública de Rio Grande. Não sabemos da existência de outro exemplar desse livro.

de convicção sobre o mérito intelectual do autor, porque naqueles lugares de silêncio e de meditação só se guardam as coisas que encerram mensagens vindas do passado e em marcha para o porvir.

De Lôbo da Costa, portanto, sessenta anos após, deveriam restar, somente, a lembrança incerta das gerações futuras e algumas poesias esparsas, perdidas em estreitas colunas de jornal ou nas páginas daquelas revistas que surgiam e desapareciam com a velocidade dos meteoros.

Houve alguém, entretanto, que teve a sublime inspiração de impedir que de Lôbo da Costa só restassem, hoje, um nome, uma sombra, um túmulo, um espectro.

Ao cuidadoso analisador da obra do poeta — Francisco de Paula Pires — devemos a veiculação de seus livros póstumos, inclusive "Auras do Sul", que trouxe a glorificação do escritor pelotense (12). Graças a rendimentos obtidos por essa forma, levantou-se o pequeno túmulo de mármore em que hoje descansam as cinzas do poeta (13).

A êle se deve êsse relevante serviço prestado à cultura pelotense e à história literária do Estado. Com a paciência dos pescadores de pérolas e corais, que não se fatigam, nem desanimam por

mergulhar em vão; com a superioridade mental necessária para fazer êsse trabalho de eternização em benefício de um literato que rompera relações com êle — Francisco de Paula Pires folhou periódicos da época, selecionou e colecionou as produções do desventurado cantor e pôde, num milagre específico da veneração e do amor ao próximo, reunir novamente tôdas aquelas faguilhas perdidas no espaço e no tempo, recompondo, para a posteridade, a tocha ardente da inspiração do poeta.

Hoje, por isso, o nome de Lôbo da Costa ainda pode ser lembrado, entre a névoa de sua existência obscura e acima da morte trágica que lhe estava reservada.

No catre hospitalar, quando o organismo estava definitivamente vencido pelo "delirium tremens", Lôbo da Costa ainda tinha lampejos de gênio. Aguilhoado pelo sofrimento, humilhado perante os amigos mais caros que o auxiliavam, derrotado pela doença, crucificado em hábitos mórbidos, moralmente apodrecido — o romântico ainda compunha, de memória, poemas de imaculada delicadeza e, em certos pontos, com perfeição invulgar nos seus melhores dias.

Quando duas jovens lhe foram levar a esmola de seu amparo e de seu aprêço, Lôbo da Costa lhes improvisou aquelas suaves sextilhas das "Duas Irmãs", como

(12) Os três volumes póstumos referidos são — "Auras do Sul", "Flores do Campo" e "Dispersas".

(13) O túmulo de Lôbo da Costa está no Cemitério da Santa Casa de Pelotas (quadro velho). Há alguns anos, encontrava-se em tão mau estado de conservação que a lápide horizontal podia ser levantada pelos visitantes e aos olhos de todos apareciam os restos do romântico, inclusive o crânio, sob o qual haviam florescido tantos versos de amor.

O sepulcro foi erguido graças à venda dos citados livros póstumos e a contribuições voluntárias de seus admiradores. Segundo a notícia do "Progresso Literário", de 23 de setembro de 1888, o saldo do que foi obtido seria entregue a Amanda, filha do escritor.

Isso é comprovado não só pelo que se lembra, como pelo fato de ter Francisco de Paula Pires anunciado na imprensa que estava pronto para entrar no prelo um volume contendo mais de oitenta poemas de Lôbo da Costa e que o produto da venda reverteria para a campanha em prol da compra de uma catacumba digna dos merecimentos do vate ("Correio Mercantil" de 18 de julho de 1888, pág. 2 — Pelotas).

Da mesma forma, D. Maria da Cunha enviou, de Pôrto Alegre para Pelotas, cinqüenta obras literárias para serem vendidas com fim idêntico ("Correio Mercantil" de 1.º de julho de 1888, pág. 2 — Pelotas).

Mesmo depois da morte, perdeu, portanto, a fatalidade de depender Lôbo da Costa da dedicação e da inteligência de seus semelhantes.

Sua glória, em face dos pósteros, e devida, em grande parte, a Francisco de Paula Pires, pois sem êle, praticamente, não teríamos elementos para análise de sua obra.

Morto, seu entêrro foi gratuito. Os jornalistas, é verdade, procuraram revesti-lo de uma pompa inútil e até contraditória em comparação com as condições de vida de Lôbo da Costa. Para isso, recorreram aos favores alheios ("O Arauto" de 24 de junho de 1888, pág. 1 — Pelotas).

Seu corpo foi recolhido, para ser velado, por um primo e amigo, Thomaz Francisco da Costa, que lhe valera em muitas ocasiões e a quem fôra dedicado o poema "Ausência" ("Lucubrações", pág. 96).

Seu túmulo, enfim, foi a esmola derradeira que o poeta haveria de receber dos vivos.

se uma flor desabrochasse à beira da eternidade e da morte (14).

Mais tarde, já moribundo, perseguido pela fantasmagoria do seu delírio, o pensamento não se espiralava em revôltas. Sem protestos contra a vida — seu grande algoz; sem reação contra a sociedade — sua grande inimiga; sem palavras candentes como gotas de sangue; o pobre artista sonhava com a mulher de seus fraudados amôres e, byroniano ainda, punha lágrimas nos seus versos:

*“Talvez tu leias meus versos,
Ao longe, onde quer que estejas
E nêles, de manso, vejas
Uns traços de quem chorou,
Como do fúnebre arbusto
No triste e medroso galho
Treme uma gôta de orvalho
Depois que a noite passou!”*

Na verdade, porém, a noite indecifrável se aproximava.

Ele já tinha provado — como disse Rocha Gallo — “tôdas as angústias da miséria, tôdas as tristezas do isolamento, todos os martírios da dor física” (15). Restava-lhe sublimar essas angústias, essas tristezas, êsses martírios no fim trágico que o século XIX reservara para os românticos brasileiros, como se fôra uma resposta afirmativa ao desejo comum de doença e desgraça, àquela “wille zur krankheit”, na expressão dos alienistas alemães.

Junqueira Freire morreu aos vinte e dois anos. Castro Alves aos vinte e quatro. Casimiro de Abreu aos vinte e três. Fagundes Varela aos trinta e quatro.

Gonçalves Dias, com os pulmões minados pelo bacilo, foi tragado pelas águas, enquanto lhe acenavam os lenços verdes das palmeiras do Maranhão, em que cantam os sabiás... E Álvares de Azevedo, o mais moço, o mais triste, aos vinte anos em flor, fêz aquêle apêlo dramático nos braços do pai: — “Que fatalidade!”

Essa mesma fatalidade perseguiu Lôbo da Costa.

No dia 18 de junho de 1888, uma fôrça conhecida — o vício — ergueu Lôbo da Costa de seu leito (16). Como já fizera em mais de uma ocasião, o poeta burlou a vigilância da casa de saúde, na alucinação dos dipsomaníacos. A covardia, que trinta e cinco anos aguilhoara a carne, acovardou-lhe o espírito. Embriagou-se pela última vez. Caminhou sem rumo, sem conhecimento, corroído pela febre, pela doença e, acima de tudo, — não fôsse êle um poeta! — pelo desencanto.

À tarde foi visto vagando na Santa Cruz, que era, na época, um arrabalde de Pelotas, isolado e deserto. Seu nome vinha da grande cruz de madeira erguida no meio do descampado. Hoje, o arrabalde foi substituído por construções modernas, nos novos planos de urbanização. Existe porém, até agora, na mesma zona, a *rua de Santa Cruz*. Há poucos lustros, o símbolo da crucificação era conservado pela credence do povo, que a transformara em lugar de devoção, até que foi conduzida, em procissão piedosa, para o cemitério da cidade, onde hoje se ergue abençoando o jardim de mármore dos sepulcros.

(14) O poema referido gira em torno de uma célebre sextilha de Castro Alves, que lhe serve de epígrafe, e nada deve aos versos que o inspiraram. Foi dedicado às senhoritas Laura e Adalbertina Gadret (“Auras do Sul”, pág. 102).

(15) Crônica publicada no “Eco do Sul”, de Rio Grande, e reproduzida nas “Dispersas” e nas “Flores do Campo” (págs. 8 e 5, respectivamente).

(16) Francisco de Paula Pires, em suas notas a “Flores do Campo” (pág. 119) comete o engano de dizer que a morte de Lôbo da Costa ocorreu em 18 de julho. No mesmo erro incorrem Julieta M. Monteiro e Revoata H. de Mello, na introdução crítica feita às “Dispersas” (pág. 10). Aliás, a grande parte dos historiadores engana-se quanto à data do falecimento do poeta. Luiz Correia de Melo aponta o dia 17 de julho (“Subsídios para um Dicionário de Intelectuais Riograndenses”, Ed. Civilização Brasileira S/A., S. Paulo, 1944). Achylles Pôrto-Alegre indica vagamente, o mês de julho (“Homens Ilustres do R. G. do Sul”, Tip. do Centro, P. Alegre, 1916). Múcio Teixeira, finalmente, faz o mesmo apontamento que Luiz Correia de Melo (“Os Gaúchos”, 2.º vol., Ed. Leite Ribeiro & Maurillo, Rio, 1921).

Ari Martins, no caso, está com a verdade histórica, que nos é confirmada pelos necrológios publicados, na imprensa pelotense, logo após o desaparecimento do infeliz artista (“Poetas do R. G. do Sul”, Separata dos Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia, Liv. do Globo, P. Alegre, 1940).

Quando Lôbo da Costa andava pela Santa Cruz, populares se preocuparam em levar o ocorrido ao conhecimento dos homens de cultura e das autoridades da terra (17).

Segundo os "Apontamentos para a História", veiculados sobre o assunto pelo jornal "O Arauto", às catorze horas o fato foi trazido ao conhecimento da Delegacia de Polícia, dirigida, então, pelo Major Joaquim Alves de Macedo. Por injustificável inércia das autoridades, porém, quatro horas após nada se tinha feito.

Um anônimo se dirigiu, com a mesma notícia, à Biblioteca Pública Pelotense, onde tudo contou ao bibliotecário Francisco de Paula Pires. Este chamou o irmão de Lôbo da Costa (Luiz), pedindo, por seu intermédio, as providências urgentes da polícia (18). Quinze minutos depois, Luiz voltava à Biblioteca, para tranquilizá-lo, porque lhe haviam sido asseguradas as medidas necessárias. A polícia, no entanto, nada pôde, ou nada quis fazer — versão esta que foi aceita.

Caía uma neblina frígida. Anunciava-se uma geada forte. A tarde morria, tristonha, no colo da noite. E antes que Lôbo da Costa fôsse localizado, já o inverno, um inverno tipicamente gaúcho pelo rigor, se encarregava de assassiná-lo.

Aquela existência tivera todos os matizes, mudando como as águas suspensas descritas por Guy de Maupassant:

"Quando o sol estava quase desaparecendo, avermelhando-se de leve o céu, o lago tomou o aspecto de uma cuba de fogo. Depois, após o pôr do sol, o

horizonte tornando-se rubro como um braseiro que se vai apagar, o lago transformou-se numa cuba de sangue. E logo, sobre a crista da colina, a lua quase cheia levantou-se, pálida no firmamento ainda claro. E, quando estava alta no céu, o lago tomou, subitamente, a feição de uma cuba de prata".

Lôbo da Costa, também, a princípio, ficou contido na taça de fogo de sua inspiração e, após, na taça de sangue do seu drama.

Subitamente, porém, pela sua vida sincopada como a de Edgar Allan Poe e por sua morte quase igual à de Fagundes Varela, chegou as raias da lenda — que é uma taça de prata.

Ele morreu dentro da noite, perdido, ébrio, saqueado, nu, fustigado pelo frio, queimado pela febre, abraçado a roseiras silvestres como num derradeiro e tresloucado gesto de poesia romântica (19), semi-enterrado no lodo em que seu corpo sempre viveu e de que foi arrancado quando a primeira luz da manhã — na qual morava sua alma — correu sobre os braços abertos da cruz erguida no meio do pampa (20).

O cadáver de Lôbo da Costa, no dia seguinte, foi conduzido para a cidade, por um particular, transportado numa carroça rústica. Eram nove horas da manhã. Poucos, felizmente, foram testemunhas oculares do desfalecimento físico e moral a que se reduzira o poeta.

A inteligência, o espírito, o artista, porém — êsse, que sempre esteve muito acima do homem, naquelas mesmas horas, subia arrastado pelo espaço sem limites, impelido pela força dos ventos e da glória.

(17) Vide "Diário de Pelotas" de 19 de junho de 1888, pág. 2; "Correio Mercantil" de 20 de junho de 1888, pág. 2; "O Arauto" de 24 de junho de 1888, pág. 1 — todos de Pelotas. Merecem realce as referências feitas por Francisco de Paula Pires em seu artigo publicado no "Almanaque" de Alfredo Ferreira Rodrigues (ano de 1914 — págs. 137 e 138).

Quando fugiu do hospital, Lôbo da Costa encontrou-se com o mordomo da Santa Casa. Como lhe disse o poeta que já estava restabelecido, Sales Lopes lhe entregou o saldo de vinte mil réis que o "Grêmio Literário" ainda tinha em mão do mesmo, fazendo-lhe amistosas recomendações sobre o emprêgo daquela quantia. Mas foi com ela, por fatalidade, que Lôbo da Costa se embriagou.

(18) "O Arauto" de 18 de novembro de 1888, pág. 1 — Pelotas. Vide, também, a narrativa feita por Francisco de Paula Pires nas notas, já referidas, de "Flores do Campo".

(19) "O Arauto" de 24 de junho de 1888, pág. 1 — Pelotas.

(20) Em plena várzea, o cadáver de Lôbo da Costa foi saqueado por malfeitores, aquêles com os quais, provavelmente, ele se embriagara no armazém em que fôra visto, situado na esquina da residência do dr. Miguel Rodrigues Barcelos, na antiga rua Santo Antônio, hoje rua Miguel Barcelos.

As próprias roupas lhe foram roubadas.